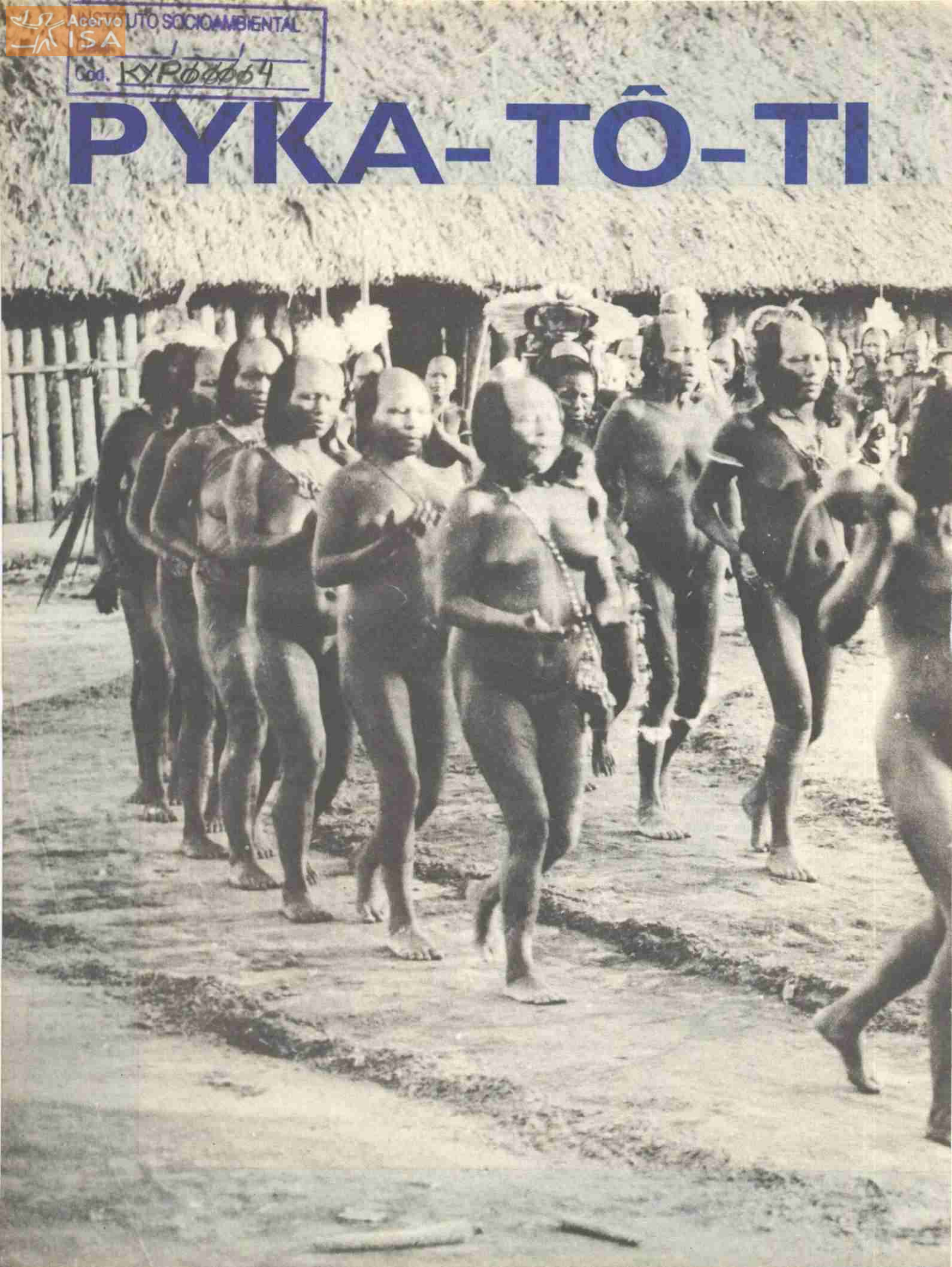


Cod. KYR00004

# PYKA-TÔ-TI



ECOLOGIA

# KAYAPÓ MOSTRA ALDEIA DE ORIGEM

Darrell A. Posey

(Departamento de Antropologia  
da Universidade da Geórgia,  
Athens, Geórgia — USA)

Supõe-se que o nome "Kayapó" derive das palavras Tupi "kaya" (macaco) e "po" (semelhança), devido provavelmente à observação da importante "dança do macaco", durante a qual o Kayapó usa máscaras e faz movimentos que se assemelham a diversas espécies desse animal.

O termo "Kayapó", também grafado Caiapó e Kaiapó, foi usado, pela primeira vez, em 1824, por Cunha Mattos para descrever o "Gradaus" do Sertão, entre os rios Tocantins e Araguaia (Cunha Mattos, 1824). O primeiro estudo sistemático dos Kayapó se deve a Nimuendaju, que os classificou com outros grupos Jê do Norte (Nimuendaju, 1952). Apesar de terem aceito o nome Kayapó, eles

se autodenominam **mê-be-ngô-krê**, que significa "povo do olho d'água".

No século XIX, de acordo com Turner (1965), a área Kayapó "estendeu-se a contar de 6° de latitude sul, entre a margem oeste do Araguaia à margem leste do Tapajós, São Miguel e Paratiga a oeste. A fronteira segue ao sul de Paratiga, até 12° ou 13° de latitude sul. Partindo deste local, o limite sul segue uma rota em diagonal para o nordeste, desde Paratiga através dos vales de Manitsauá-Missu e do Rio Liberdade para reencontrar-se no Araguaia, a 9° de latitude sul". Esta área ainda hoje pertence ao território dos Kayapó, com exceção da área Conceição, onde existem

muitos intrusos (brasileiros), e há a expansão dos Kayapó na área de São Félix.

A atual área Kayapó tem aproximadamente 1.900,00 hectares, e está sendo oficialmente demarcada pelo Ministério do Interior.

Os primeiros grupos Kayapó contatados foram os "Pau d'Arco" ou "Gradau", que habitavam a margem oeste do Araguaia. O explorador francês Henri Coudreau nos legou o primeiro relato do grupo encontrado perto da atual Conceição (Coudreau, 1897), onde sofreu muito em contato com os civilizados. Em 1940, quando visitados por Nimuendaju, havia menos de 40 sobreviventes (Nimuendaju, 1952). O último Pau d'Arco faleceu em Gorotire em 1960 (Turner, 1965). No território deste grupo extinto é que se acha a maioria das moradias de brasileiros, anteriormente domínio dos Kayapó.

Outros grupos Kayapó evitaram com êxito o contato com brasileiros, existindo referência de grupos remotos antes de 1970 (Nimuendaju, 1932). O Príncipe Adalberto da Prússia, em exploração científica pioneira ao Xingu, em 1834, registrou a presença dos Kayapó de Gorotire (Schomburgk e Taylor, 1849). Os relatos de Coudreau (1897) incluíram uma estimativa da população da aldeia de Gorotire em 1.5000 indivíduos, dizendo estarem localizados no "campo alto", a oeste de Pau d'Arco. Quase nada se sabe sobre esses grupos remotos, até o início do século XX.

Segundo narrativas de informantes coletadas por Turner (1965), a aldeia de Gorotire dividiu-se em dois grupos por volta de 1900, devido a uma disputa entre dois chefes. Não há meio de se saber a idade da aldeia original, mas isto documenta a existência da "antiga" aldeia antes de 1900. Apesar de um grupo ter deixado a "antiga aldeia" para formar uma nova (**Mê-krà-ngô-ti**), a maioria permaneceu em **Pyka-tô-ti**.

Em 1936, Gorotire dividiu-se outra vez (Nimuendaju, 1952). A cisão foi complexa, mas Turner (1965) tentou esmiuçá-la através de relato dos informantes. As aldeias Kayapó caracteristicamente têm

Participantes da Dança do Jabuti — Aldeia Porori



duas casas de homens: (de leste e a de oeste). A primeira mudou-se para perto da confluência do Riozinho e do Rio Fresco. A casa de homens a oeste dividiu-se muitas vezes, originando vários grupos, apesar de um deles ter permanecido próximo à antiga aldeia. Este grupo, descendentes diretos de **Pyka-tô-ti**, vivem agora em **Kuben-kra-kên**.

O nome "Gorotire" ficou para a casa dos homens do leste, que permaneceu coesa até 1976, quando ocorreu divisão entre seus chefes **Kahnök** e **Tut**.

Nenhum dos grupos divididos possui duas casas dos homens e nenhum cresceu tanto, ao ponto de igualar-se em tamanho e poder à antiga aldeia, cujo local é conhecido como **Pyka-tô-ti**. Eles se referem a ela muitas vezes como **Kri-mex-tym**, a "antiga aldeia bonita".

#### A ALDEIA KAYAPÓ COMO "DIVISÃO ESPACIAL"

"Divisão espacial" refere-se à manipulação, por parte do homem, daquilo que o cerca, que é natural, e que resulta num ambiente social. Isso requer uma, ou, geralmente, uma série de transformações, com a finalidade de garantir a natureza especial da área, a humana. Coisas naturais que cercam o homem devem ser transformadas simbolicamente, assegurando um lugar para ele e suas interações sociais. Por isso, não é de se estranhar, que se encontre esse espaço transformado, moldado, com o objetivo de expressar os símbolos e a visão do mundo, próprios do grupo.

A forma espacial da aldeia Kayapó não é somente uma disposição conveniente das casas. Turner (1965) declara: "a disposição formal das aldeias Kayapó incorpora e exprime diretamente, não somente os princípios fundamentais da organização social, mas a estrutura política de cada comunidade isolada".

As concepções cósmicas dos Kayapó podem ser melhor descritas por uma série de círculos concêntricos (Figura 1). A terra é um disco chato, redondo, e tem como centro a aldeia Kayapó. Quanto mais alguém se afasta do centro, tanto mais anti-social e, em consequên-

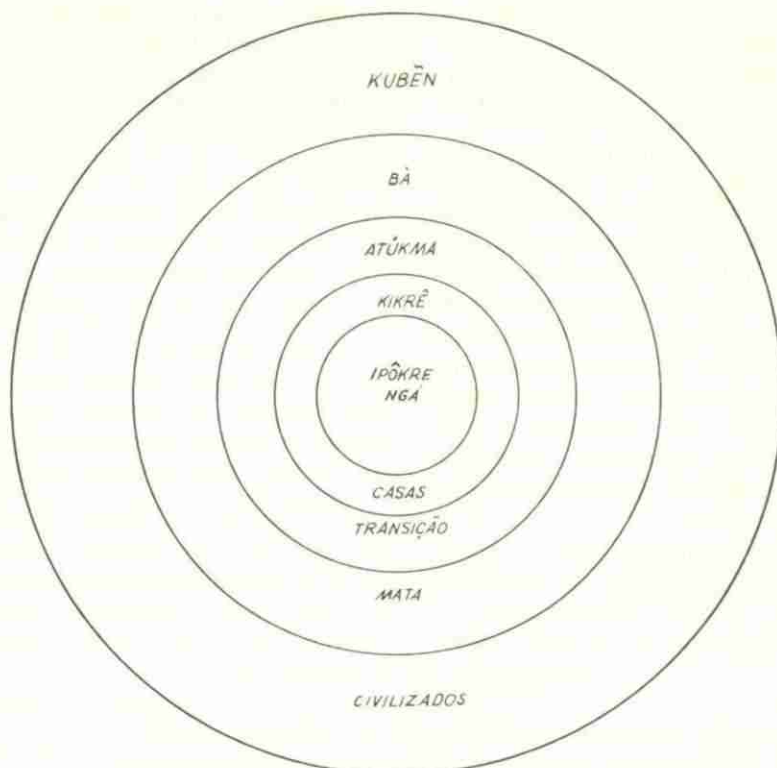


FIGURA 1

Modelo espacial do mundo Kayapó. O centro (**ipôkre**) é a Casa dos Homens (**ngá**); casas (**kikrê**) são o domínio das mulheres menos socializadas; a zona de transição (**atúkma**) delimita o espaço social da mata virgem (**bá**).

cia, perigoso se torna o mundo. Além da aldeia há espíritos malignos, indivíduos que são metade homem e metade animal, o lugar dos mortos, monstros e escuridão eterna.

O círculo é a forma simbólica e sagrada original dos Kayapó. A Lua e o Sol são redondos; a trajetória destes corpos celestes também forma um círculo, cujos eixos são perpendiculares aos da terra e do céu. O círculo é usado em todas as cerimônias Kayapó, como padrão das danças e muitas vezes nos artefatos cerimoniais. Nas roças também se usa esta forma para assegurar os poderes naturais às plantas. Deste modo, não é de se estranhar a descoberta de aldeias construídas em forma de círculos. Aldeias circulares são comuns aos grupos Jê e ainda existem em vários grupos Kayapó (Vidal, 1977; Verswijver, 1975). Tanto Turner (1965) como Bamburger (1965) opinam sobre os detalhes do plano idealizado da aldeia (Veja também Figura 2.).

O círculo externo da aldeia modelar é formada por casas (**kikrê**) da família matrilinear extensa e são quase que exclusivamente do domínio da mulher. O centro da aldeia é **ngá-ipôkre**, ou praça central circular. Aí é que se originam as danças cerimoniais e se desenrolam as atividades sociais. A **ngá-ipôkre** é circundada por duas casas dos homens; a casa ao leste (**ngá-kratx**) e a casa ao oeste (**ngá-nhôt**). Essas construções retangulares ficam frente a frente e são o centro das atividades masculinas.

Os homens são extremamente organizados socialmente. Há várias sociedades de homens e categorias de cidade, cada uma com função específica e lugar especial para assentar-se na **ngá**. São as seguintes (Veja Figura 2).

- (1) **mê-ôk-re**: meninos ainda não bem iniciados
- (2) **mê-nõnõ-nure**: homens totalmente iniciados, mas sem filhos
- (3) **mê-kra-re**: homens que possuem filhos, sentam-se

com outros da mesma sociedade de homens

- (4) **mê-be-nget**: os mais velhos; homens que possuem vários filhos ou netos

Cada casa dos homens tem seu chefe principal. "O caminho dos chefes" é a área compreendida entre as duas casas dos homens. Essa área é a da oratória formal e do discurso no centro da aldeia (**i-pôk-re**). Os homens são tidos como os mais socializados; por isso, seu domínio está no centro da aldeia "divisão espacial". As cerimônias e atividades que reafirmam e rejuvenescem a divisão espacial originam-se deste centro.

As mulheres formam grupos sociais organizados e são vistas como menos "socializadas". O domínio delas é a casa (**kikrê**),

localizada na periferia da divisão espacial circular. Contudo, a interdependência dos homens às atividades domésticas das mulheres, bem como a confusão das relações bilaterais que unem e entrelaçam as famílias de todas as casas, representadas pelos caminhos (**pry**), que irradiam do centro e ligam a praça central a todas as casas.

Cada moradia matrilinear possui um forno especial de pedra e barro (**ki**). Os mesmos localizam-se em um dos lados da casa Kayapó (Veja Figura 2). Muitas vezes, quando a família extensa aumenta em número (especialmente durante a realização das festas, quando todos regressam à aldeia, depois das caçadas, das viagens prolongadas ou do trabalho nas lavouras), deveriam ser construídas mais casas e fornos, em frente à casa

principal (**ki-kabem**). Conseqüentemente, muitas aldeias Kayapó teriam dois ou mais anéis concêntricos, formando a periferia do **i-pôk-re**.

O "círculo onde se dança" (**mê-tôrô-nipôk**) fica entre o círculo de casas e a casa dos homens. Como os homens e mulheres dançam na maioria das cerimônias Kayapó, este caminho se localiza entre o domínio dos homens e das mulheres.

Além das casas se encontra o **a-tyk-mã**, a parte "sombria" (**tyk**) da aldeia, com significado anti-social. É a zona limítrofe entre a floresta completamente anti-social e o centro da divisão espacial Kayapó, a aldeia. Neste lugar são enterrados os mortos, e quando os guerreiros estão voltando começam a entoar seus cantos e as cerimônias que indicam sua entrada na aldeia. É no **a-tyk-mã** que os meninos não iniciados têm suas festas cerimoniais do jaguar e outros animais normalmente proibidos.

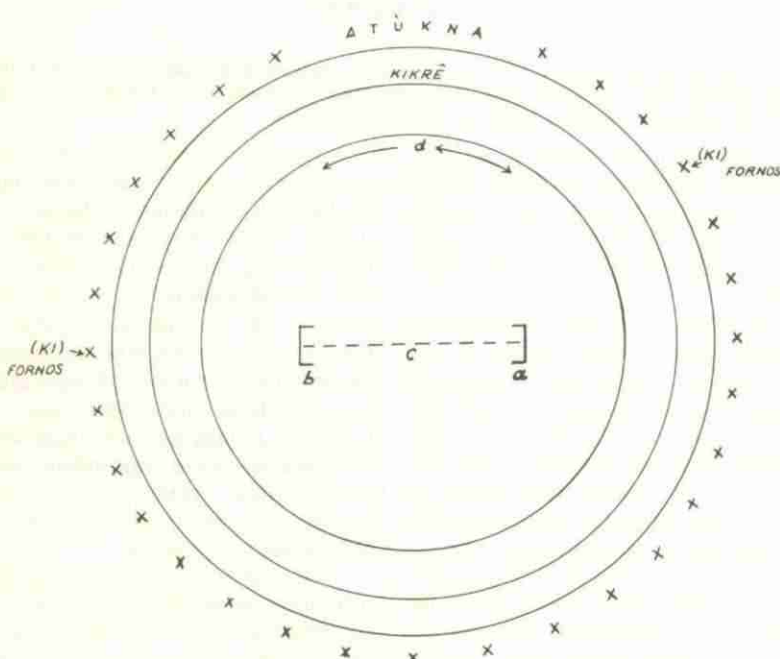
A mera construção da moradia e casa dos homens é uma transformação que estabelece a divisão espacial. Mas a natureza desta deve ser preservada e perpetuada. Ela é aperfeiçoada através das cerimônias planejadas, intrincadas e belas. Essas festas não podem ser descritas aqui devido à sua complexidade. Muitas delas foram documentadas por Dreyfus (1963), Friel (1963), Lukesch (1968), Turner (1965) e Vidal (1977). O papel dessas expressões reais, intensas e carregadas de símbolos de existência social são centrais à preservação da aldeia como divisão espacial.

**A JORNADA PARA PYKA-TÔ-TI**

No dia 1.º de julho de 1978, sai com três guias indígenas de Kuben-krã-kên para visitar a ancestral aldeia dos Kayapó — **Pyka-tô-ti**. Subimos o Riozinho, em direção ao igarapé, justamente abaixo das primeiras cachoeiras acima de Kuben-krã-kên, chamadas Kud-jätikrê (Veja Figura 3). Das margens do igarapé caminhamos rapidamente, durante dois dias e meio, através dos vastos campos da região. Há uma variedade de espécies de campos, e uma diver-

**IDEALIZAÇÃO DA ALDEIA (Krimex)**

Existem duas Casas dos Homens (**ngã**) a leste e (**kratx**) a oeste (**nhôt**), unidas pelo "pátio dos Chefes" (c). Círculo da dança (d) O local onde se sentam nas Casas dos Homens está representado abaixo. (1) **mê-ôkre**, (2) **mê-nônônore**, (3) **mê-krare**, e (4) **mê-benget**.



**FIGURA 2**



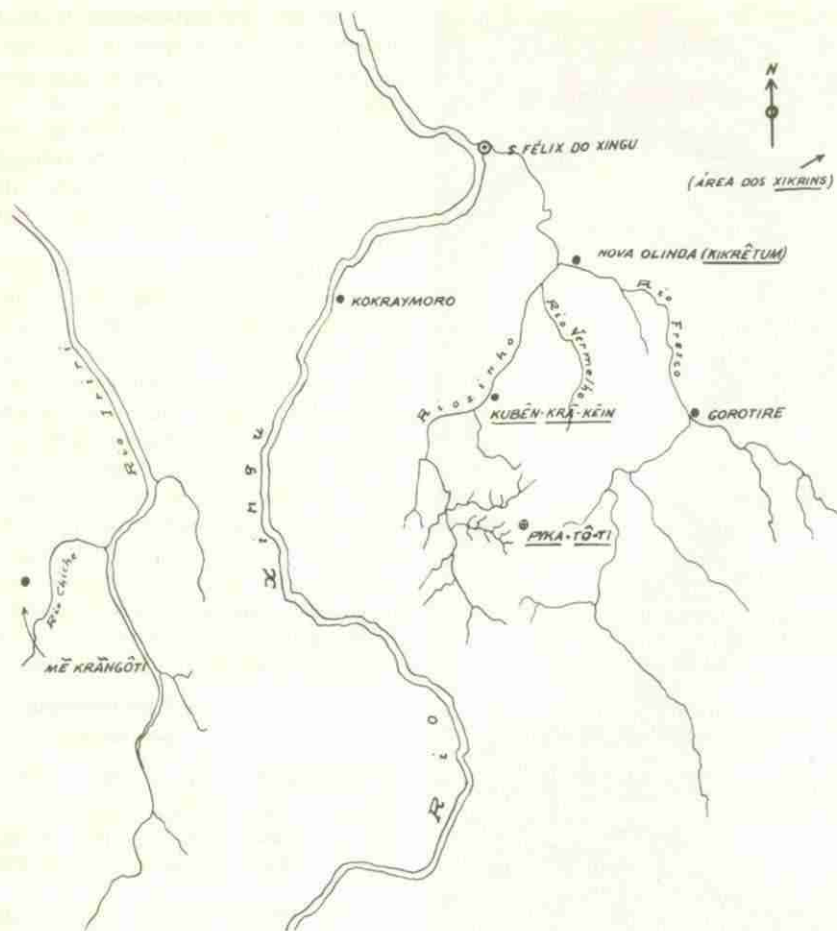


FIGURA 3

Orientação geográfica das aldeias na área Kayapó

sidade de plantas associadas à cada variação.

O primeiro dia foi bastante proveitoso, pois os trilhos (*pry*) eram claramente visíveis e podiam ser seguidos com facilidade. O resto da jornada, entretanto, foi muito difícil devido aos caminhos sombrios e às densas encruzilhadas da floresta. Passamos as noites perto dos igarapês, onde os indígenas levantaram os tradicionais abrigos Kayapó (Figura 4). Dormimos à moda deles: dois homens entre cada fogo, cada um entrelaçado ao outro, a fim de fugir ao frio intenso (durante a estação seca não é raro a temperatura cair a 14°C em Kubên-krã-kên).

Depois de perdido na floresta várias horas do terceiro dia, um dos homens subiu numa árvore para procurar o "campo lindo" da antiga aldeia. Chegamos finalmente ao local, quase ao meio-dia do terceiro dia e calculo termos andado 55

quilômetros a sudeste da atual Kubên-krã-kên.

Gastamos diversas horas pesquisando o local. Claramente visíveis eram os fornos de pedra (*ki*), que formavam três círculos concêntricos.<sup>1</sup> Entre muitos dos fornos de pedra havia muitas de *mãntu*, planta caseira usada pelos Kayapó para fazer um chá altamente apreciado devido às propriedades medicinais. Um dos indígenas arrancou parte da planta para explicar como os tubérculos eram secados, moídos e fermentados. As folhas amarelas que brilhavam (por isso, a planta recebeu o nome de "peito de arara") serviam como excelentes placas de limites naquele local. Os antigos caminhos, abandonados há mais de 40 anos, ainda são traçáveis, partindo do centro do círculo à periferia. Em alguns

1. Não pude descobrir os fornos de pedra em cerca de 3/4 do terceiro círculo (interior).

lugares, os caminhos têm 15 centímetros de profundidade no solo duro.

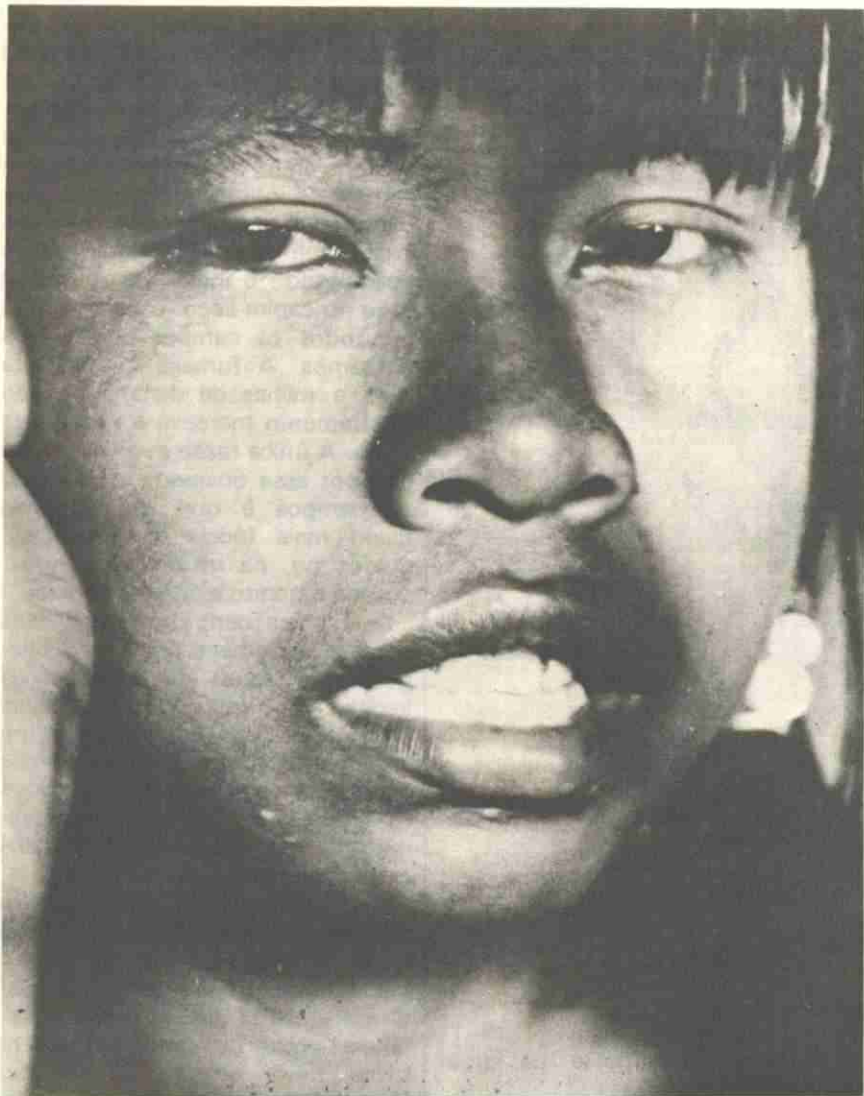
O local está situado numa extensa e perfeita superfície plana de "campo lindo". A imensa pastagem somente é interrompida por poucas palmeiras pequenas, cujos frutos os índios apanharam enquanto estive pesquisando o local. Eles puseram fogo no capim seco, o que foi feito em todos os campos pelos quais passamos. A fumaça enorme era vista a milhas de distância e seu alastramento marcava a nossa rota diária. A única razão que os Kayapó dão por essa obsessão de queimar os campos é que os caminhos ficam mais fáceis de serem seguidos ou, na maioria das vezes, porque é bonito e agradável (*mex*).

A praça central entre as duas casas dos homens pôde ser distinguida por causa da diferença na vegetação. Neste lugar crescia somente um capim baixo e ralo, em contraste com o capim que atingia os joelhos, encontrado em todos os lugares. O mesmo tipo de vegetação era visível ao redor dos contornos circulares das casas.

O diâmetro da aldeia foi medido a passos, na sua parte mais larga. A distância era de aproximadamente 1,050 metros. A distância entre *ki*, que indicava a distância entre os círculos concêntricos devia ser de 22 metros. (Figura 5).

A dimensão de cada uma das casas dos homens é estimada em 50 x 20x13 metros. A distância entre as duas, "o caminho dos chefes" deve ter 600 metros. Estes dados caracterizam as descrições e informações que recebi em Kubên-krã-kên e Gorotire. Visto que *Pyka-tô-ti* não foi abandonada antes de 1936, pude encontrar diversos informantes acima de 45 anos que ainda recordavam o lar onde viveram durante a infância.

É interessante notar que a maioria das roças dista quatro horas a pé das aldeias. Os caminhos propagam-se da aldeia em cinco direções, que levam ao grupo de roças. Cada sociedade de homens (*tchêt*) tem sua própria plantação e seu caminho correspondente que para lá o conduz. Deste modo, qualquer pessoa que deixava a aldeia num caminho diferente ao



Índio Kayapó (Txukahamãe)

do seu **tchêt** era considerado suspeito.

Informantes disseram várias vezes que a razão principal de as lavouras ficarem tão distantes da aldeia era para prevenir os roubos. Ainda hoje as roças de Gorotire estão mais distantes do que o necessário (em termos de acessibilidade de terras), a fim de evitar invasão, em busca de caça, pelas pessoas da aldeia.

O fornecimento de água mais próximo, um enorme igarapé chamado Kamerekô, dista 15 minutos da aldeia. Não foi dada nenhuma explicação a respeito da localização da aldeia tão distante do igarapé. A planificação da aldeia, entretanto, deveria ter previsto uma região plana e limpa. Os igarapés desta área ficam no fundo de vales, e cercados por floresta espessa.

É possível que o "campo lindo" no qual **Pyka-tô-ti** se encontra preencha todos os ideais de beleza e perfeição quanto à localização da aldeia. O magnífico e extenso panorama da região proporciona uma visão deslumbrante.

#### ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO

Tendo em vista que os Kayapó não contam acima de oito, é inútil indagar aos informantes sobre a estimativa da população de **Pyka-tô-ti**. Por essa razão, os antropólogos geralmente têm visto com extremo pessimismo a estimativa de mais de 1.500 habitantes, feita por Coureaux, que nunca viu esta aldeia e baseou sua estimativa nos relatos dos Kayapó do Pau d'Arco.

Usando recente material demográfico, juntamente com medidas feitas no local real, é pos-

sível ter-se uma estimativa. A atual população Mëkrangôti é o mais tradicional grupo Kayapó, que tem tido pouco contato com os "civilizados". Segundo material recolhido, em 1974, pelo antropólogo Gustaaf Verswijver (arquivos da FUNAI) a média é de 18 pessoas por família.<sup>1</sup>

O diâmetro do círculo exterior dos fornos de pedra (**ki**) foi medido por passos, sendo de 1,050 metros. Os informantes afirmam que as casas da antiga aldeia eram mais compridas, para que pudessem abrigar as famílias matrilineares extensas. Estas casas possuíam largura uniforme (5—6 metros), mas o comprimento variava muito (22—32 metros). O quadro que se segue fornece os possíveis dados da população, baseados nos tamanhos variados das casas, bem como na variação do tamanho das famílias.

		N.º de pessoas por família		
N.º de casas		18	25	35
(22 m)	300	5.400	7.500	10.000
(27 m)	244	4.392	6.100	8.540
(32 m)	206	3.708	5.150	7.210

Os dados acima levam em consideração o espaço mínimo entre as casas, tendo em vista a existência do "**mântu**", que ainda cresce na região da aldeia, e as concepções dos informantes sobre "distâncias precisas" entre as casas. O número máximo de casas está calculado tomando-se por base o comprimento das casas individuais e o espaço entre cada uma.

1. Essa média parece baixa, pois supõe-se que há diminuição no tamanho da família, associada ao decréscimo das atividades relacionadas às estações do ano. Originalmente, os Kayapó gastaram muito tempo em viagens penosas, mas, apesar disso, sempre havia pessoas na aldeia. A aldeia completa se reunia por ocasião das cerimônias. A necessidade de abrigar a todos simultaneamente era esporádica. Os Kayapó de Mëkrangôti eram menos nômades do que antes do contato e pode-se supor um aumento correspondente no número de casas e decréscimo no número de moradores por casa. Este exemplo, pelo menos, é confirmado pelo material de 1978 para as outras aldeias Kayapó de Kokray-môró, Kubenkräkêin, Gorotire e Kikrêtum.

A média da população está baseada em 206 a 300 casas no círculo da aldeia, pressupondo existir de 3.708 a 7.210 pessoas. Este é um dado extraordinariamente alto para a população de qualquer tribo amazônica. Mesmo se considerarmos a mínima (de 3.708), isto representa uma população de quase duas vezes o tamanho da estimativa prévia da população de grupos indígenas.

Estes dados são preliminares e como tal devem ser analisados com reserva, sendo necessários futuros cálculos e comparações com outras tribos do Brasil central. Podemos concluir com segurança, no entanto, que o Kayapó teve uma enorme e bem organizada população em comparação com outras tribos da Bacia Amazônica. Com base nestes cálculos e nos relatos da vivência dos informantes na aldeia ancestral, acho que a população de **Pyka-tô-ti** foi de 4 a 5.000 Kayapó no seu apogeu, anterior ao contato com os civilizados.

### CONCLUSÕES

Escolhendo-se os dados mínimos ou máximos da população, ou algum dado intermediário, parece claro que o tamanho e o período de permanência da original aldeia Kayapó não é típica a grupos indígenas de planície da América do Sul. Se alguém aceita os dados que indicam uma menor população, então **Pyka-tô-ti** torna-se uma das maiores aldeias encontradas na Bacia Amazônica.

Isto nos leva a interessantes questões de adaptação ecológica dos Kayapó e exploração do seu sistema ecológico. Este, por sua vez, traz à tona questões como suprimento de proteínas, disponibilidade de caça, fertilidade do solo, coleta de alimentos do campo e do mato. Os Kayapó devem ter desenvolvido a mais adequada e eficiente estratégia de subsistência para conseguirem manter tão grandes aldeias, pois ainda dispõem de tempo para desenvolverem complexas e demoradas instituições rituais, cerimoniais e sociais.

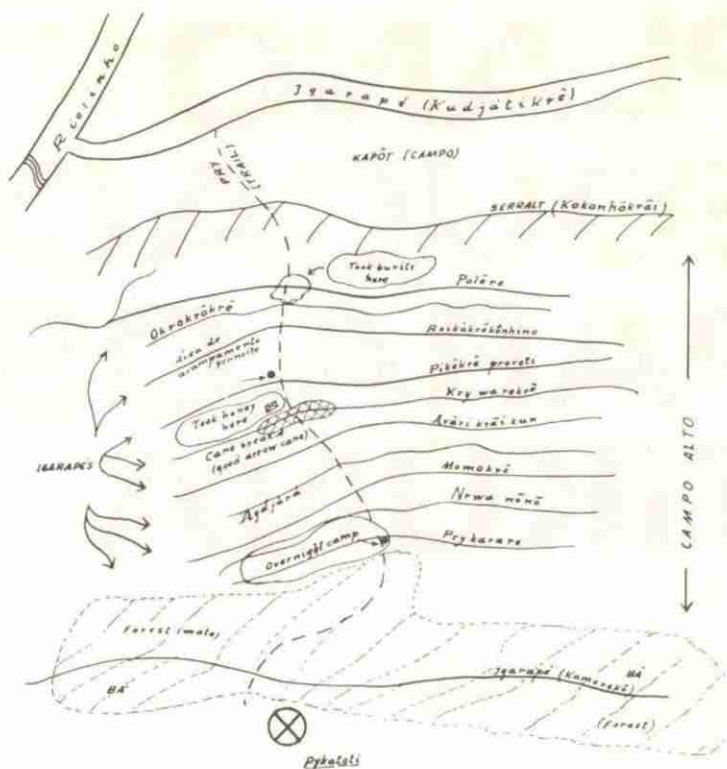


FIGURA 4

Mapa mostrando a trilha dos Kubën-krã-kên para o Pyka-tô-ti (baseado em informantes), conforme anotações do autor.

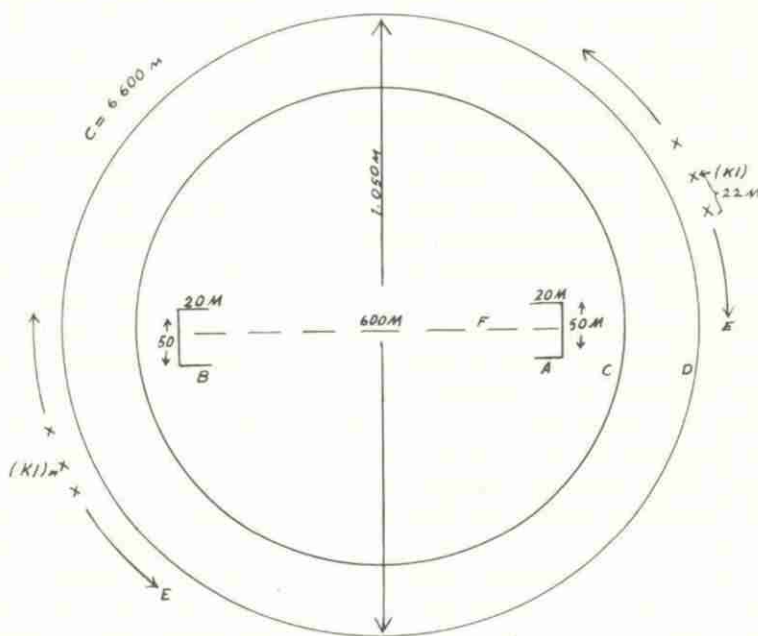


FIGURA 5

- Dimensões do Pyka-tô-ti
- A = Casa dos Homens de Leste (ngà)
  - B = Casa dos Homens de Oeste (ngà)
  - C = Círculo de dança
  - E = Círculo dos fogões de pedra (ki)
  - F = Pátio dos chefes